

BOA VISTA: GÊNESE ESPONTÂNEA E GÊNESE INDUZIDA

Paulo Rogério de Freitas Silva¹
Universidade Federal de Roraima

Resumo

Nesse artigo, propomos que o lugar Boa Vista seja analisado como tendo tido uma gênese espontânea e uma gênese induzida. A espontaneidade está relacionada a um lugar que surgiu, pioneiramente, a partir de uma complexidade genética, definida por diversos determinantes, originando o núcleo embrionário pré-existente, que foi sede municipal, a partir de 1890. A indução para o surgimento de Boa Vista, é o projeto urbanístico radial concêntrico, idealizado na década de 1940, que criou a cidade, que o poder político brasileiro idealizou para essa fronteira. Atualmente, a nova Boa Vista é composta pelo espaço que se irradiou, a partir desse projeto.

Palavras-chave: Boa Vista; gênese espontânea; gênese induzida.

Abstract

It is considered in this article that Boa Vista is a place of spontaneous and inductive genesis. The first genesis is related to a place that came out originally a genetic complexity, defined by different due to determiners, originating the preexisting embryonic nucleus which was the municipal headquarter since 1890. The second genesis concerns about the sprouting of Boa Vista that is a concentrical radial urban project, built in the decade of 40's that raised the city whose brazilian political power was created to this border. Nowadays, the new Boa Vista constitutes by a space that was spread from that project.

Keywords: Boa Vista city; spontaneous genesis; inductive genesis.

INTRODUÇÃO

Sugerimos que a origem de Boa Vista seja pensada e entendida, a partir, de duas vertentes que se diferenciam. Uma está relacionada à gênese espontânea, de um lugar que se origina de uma complexidade de fatores determinantes que atuam, ao longo dos séculos, XVIII e XIX.

A edificação do Forte de São Joaquim, entre 1775 e 1778, a implantação dos Aldeamentos Indígenas planejados, ainda no século XVIII, a instalação das Fazendas Reais: São Bento, São José e São Marcos, também, no final do século XVIII, a criação da Fazenda Boa Vista em 1830, início do século XIX e, instalação da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, em 1858, são determinantes que se completam para essa gênese.

Esses fatores proporcionam a gênese de um núcleo embrionário que se torna sede de município em 1890, ainda como parte do Estado do Amazonas.

A outra vertente se refere a uma gênese induzida, isto é, o Projeto Urbanístico elaborado por Darcy Aleixo Derenusson entre 1944 e 1950, ao lado do núcleo embrionário, quando a proposta era de que a cidade tivesse um traçado de integração urbana, isto é, radial concêntrica,

em que, na praça circular, reunissem os três poderes – Executivo Legislativo e Judiciário – e de onde partissem as radiais, em direção ao norte, sul e oeste.

Esse projeto foi idealizado, após a criação do Território Federal do Rio Branco em 1943, pelo primeiro governador do então recém criado território, Êne Garcez, e implantado com o objetivo de que Boa Vista pudesse sediar o governo territorial.

Dessa forma, ressaltamos que há uma diferenciação no processo de formação desse espaço urbano e no seu processo de crescimento espacial e demográfico, pois, a irradiação, somente vai ocorrer, a partir do projeto urbanístico e não do núcleo embrionário pré-existente.

Sendo assim, refletir sobre a cidade de Boa Vista, requer a definição dessa escala temporal, para o entendimento de seu espaço.

Podemos definir que Boa Vista, possua três espaços urbanos distintos: primeiro o arruamento histórico do núcleo embrionário, segundo, o espaço intercalado entre as avenidas Terêncio Lima e Major Wilians e o rio Branco, que é o projeto urbanístico, e terceiro, a mancha urbana que surge, após esses limites do projeto e que hoje constitui a maior parte do espaço urbano da capital.

Período	
1775-1778	Construção do Forte de São Joaquim (Guerra, 1957). A permanência de soldados nessa área do forte, constituiu o primeiro núcleo habitacional não indígena.
1777	Aldeamentos indígenas planejados
Século XVIII	Para GUERRA (1957), em 1787, existiam cinco povoações/aldeamentos, habitados por indígenas: Carmo , Santa Maria, São Felipe, Conceição e São Martinho. Para BARBOSA, (1993), no século XVIII, existiu um povoamento chamado Nossa Senhora do Carmo. Para FARAGE, (1991), esse aldeamento foi o único que não foi destruído, por estar localizado ao sul do forte, distantes das grandes rebeliões.
Final do século XVIII	Instalação das fazendas reais: São Bento, São Jose e São Marcos.
1830	Instalação da fazenda Boa Vista, pelo capitão do forte Inácio Lopes de Magalhães. No mesmo lugar do aldeamento?
1858	Instalação da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo. Na sede da fazenda?
1876	Transferência do pequeno povoado de São Joaquim, sede da fazenda São José, que circundava o forte de São Joaquim. Para o antigo lugar do aldeamento, da fazenda, da Freguesia?
1890	Emancipação política do núcleo embrionário ali formado com o <i>status</i> de Vila sede do Município de Boa Vista do Rio Branco, como parte do estado do Amazonas.
1926	Boa Vista ganha o <i>status</i> de cidade sede do município de Boa Vista do Rio Branco, ainda como parte do Amazonas.
1938	Ocorre à simplificação do nome para município de Boa Vista
1943	O Núcleo embrionário de Boa Vista torna-se capital do Território Federal do Rio Branco
1944 - 1946	O primeiro governador do Território, Êne Garcez, contrata o arquiteto Darci Aleixo Derennusson, para fazer o projeto radial concêntrico da nova capital do território.

Quadro 01: Complexidade Genética de Boa Vista

A GÊNESE ESPONTÂNEA DE BOA VISTA

Na conjuntura em que se propõe pensar a gênese de Boa Vista, o quadro 01, demonstra a dinâmica que formaliza o surgimento espontâneo e a evolução dessa capital. São doze fatos históricos que determinam, entre os anos de 1775 e 1946, a evolução que propicia a instalação da sede do poder central e do projeto radial concêntrico nesse lugar embrionário.

Destacamos, conforme FERREIRA *et alii* (1977:77), que a origem da cidade de Boa Vista está atrelada a questão político-administrativo e militar, assegurando que esse tipo de penetração foi responsável pelo surgimento dos fortins que se constituíram nos primeiros núcleos populacionais das cidades de São Luiz, Belém, Macapá, Bragança, Manaus e Boa Vista.

Para J. SANTOS (2004:92), Boa Vista foi "(...) fundada nos idos de 1876, quando foi transferida a pequena povoação de São

Joaquim – que circundava o Forte do mesmo nome – (...)”.

Transferência que também é analisada por outros pesquisadores como determinante da gênese de Boa Vista, tal como BRASIL (2005:13), que afirma que próximo ao forte de São Joaquim, “(...) formou-se uma VILA situada em uma estreita faixa de “terra alta”, uma vez que a região é alagadiça em época das chuvas.” O mesmo BRASIL (2005:14), destaca que:

Pela dificuldade de expansão, [da citada vila], procurou-se nova área onde a vila pudesse crescer sem a preocupação de inundação. Cerca de 30 Km a jusante do Forte havia duas fazendas fundadas por ex-comandantes do forte. A margem esquerda do rio Branco a fazenda São Pedro de propriedade do capitão Bento Ferreira Marques Brasil, onde hoje é a cidade Santa Cecília²; e a margem direita a fazenda Boa Vista criada pelo capitão Inácio Lopes de Magalhães. Optou-se pela margem direita, bem próximo à sede da fazenda Boa Vista onde começaram as construções de moradias, formando a futura Freguesia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco, 1858.

Sendo assim, existe uma forte relação entre a vila do forte, destacada aqui por BRASIL (2005), que foi a sede da fazenda São José, com a atual Boa Vista, pois, se transferiu essa vila para o lugar onde surgiu à sede da fazenda Boa Vista, a freguesia, a vila, a cidade e, a capital.

Quem colabora com essa discussão é AGOSTINHO³, que sugere que a localização de Boa Vista nessa margem esquerda do rio Branco ocorre por uma questão topográfica, pois é uma área alta que não inunda, assim como o canal do rio é mais profundo, diferente da margem direita que é inundada no período de chuvas. Para esse pesquisador a mesma teoria pode ser aplicada para a cidade de Caracará.

Para VICENTINI (2004:69 e 120), ao classificar como se originaram vilas e cidades da Amazônia, destacando os aldeamentos,

fazendas e missões, Boa Vista surgiu da parte da ordem religiosa Carmelita, da missão Nossa Senhora do Carmo. A mesma pesquisadora, cita que em 1814, São Joaquim concentrava 103 pessoas, enquanto, Nossa Senhora do Carmo, concentrava 161 moradores.

De forma mais geral, destacamos que informações contidas no IBGE (1981), colocam que às sementes de Boa Vista surgem no cenário amazônico quando os portugueses organizaram as expedições para expulsar os invasores holandeses, ingleses, e em particular os espanhóis, que buscavam a legendaria vila de Manoa do *El Dorado*, rica em metais e pedras preciosas e que Walter Raleygh e outros exploradores julgavam localizar-se nas bordas do Lago Parimé, próximo ao rio do mesmo nome.

Assim, conforme o IBGE (1981),

Para tornar efetiva a posse da terra, chegaram em 1725, os primeiros missionários carmelitas, vindos do rio Negro, e estabeleceram diversas missões ao longo do rio Branco a que deram os nomes de Carmo, Santa Maria, São Felipe e Conceição. Para defender o sistema fluvial do rio Branco, impedindo a entrada dos invasores, foi construída em 1775, a fortaleza de São Joaquim à margem do Tacutu na confluência com o rio Uraricoera. A missão coube ao Capitão de engenharia Felipe Sturm de nacionalidade alemã, a serviço de Portugal. Nessa mesma ocasião foram estabelecidas seis povoações ao redor da fortaleza: Santa Bárbara e Santa Isabel ou São Martinho no rio Branco; São Felipe no rio Tacutu; Santo Antonio, Conceição e Boa Vista no Uraricoera. Data dessa época a ocupação efetiva e, por conseguinte, o povoamento e o aldeamento dos indígenas da região. [...] Em 1858 a Lei Provincial que designou as fronteiras do Amazonas estabeleceu a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, cuja sede seria “acima das cachoeiras do rio Branco no lugar denominado Boa Vista” (...).

Repetindo a afirmação de OLIVEIRA, (2003:01), Roraima surgiu da antiga fazenda Boa Vista. Diante dessas perspectivas, destacamos que a história da capital de Roraima confunde-se com a história do próprio Estado. A área do município de Boa Vista pode ser considerada a gênese de Roraima, de vez que foi nesses campos gerais, ao longo dos rios Branco, Tacutu e Uraricoera, que se instalaram as missões religiosas e militares de aldeamento indígena, assim como o Forte de São Joaquim e as primeiras fazendas nacionais e particulares. Posteriormente, se fundou a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, onde se instalou o município de Boa Vista.

O PRINCÍPIO DA GRELHA: O PLANEJAMENTO DO URBANO NA FRONTEIRA

A implantação do plano urbanístico ocorrido em 1946 em Boa Vista, projetando uma cidade a partir do rio Branco, proporcionou, nessa década e na seguinte, um crescimento patrocinado pelo poder público, após a criação do território federal, quando essa cidade recebe as repartições e as residências funcionais públicas que abrigariam os novos funcionários públicos territoriais.

Várias políticas de recrutamento foram providenciadas pela administração territorial, de setores de planificação para intensificar a colonização do Alto Rio Branco na década de 1940.

A cidade, reagindo a certos momentos os acontecimentos que ocorriam no âmbito mais geral, através das circunstâncias e das especificidades do período que caracterizavam esse lugar, estende as suas próprias fronteiras, a partir da dualidade entre o poder local e o nacional.

Essa cidade da fronteira, enquanto ponto limite da soberania nacional, aproximava-se do poder central, através de interventores que regiam as administrações locais, produzindo sua história, ao longo da qual formas e funções vão sendo produzidas, refletindo processos específicos no âmbito nacional, regional e local e, em alguns casos, internacional, devido a sua posição limítrofe.

Mesmo assim, a área ocupada até 1970 ainda era pequena, tendo em 1966, uma

subdivisão em apenas nove bairros, denominados de centro, Nazaré, Messejana, São Francisco, São Pedro, Mirandinha, Olaria e Redenção, que foram se redefinindo e formaram novos bairros, como se observa na fotografia de número 01.

Porém, Boa Vista foi se firmando como um centro urbano administrativo e um pólo militar, com uma infra-estrutura administrativa de órgãos ligados ao governo federal e aos pelotões militares que foram quase todos sediados nela a partir de 1970.

Há efeitos dessa sua condição na estrutura urbana com áreas residenciais voltadas para abrigar os militares, assim como para instalação de suas bases. Sendo assim, a cidade passa a sediar essa infra-estrutura militar tanto do exército como da aeronáutica, gerando uma rotatividade de tropas e conseqüentemente um aumento da mancha urbana. A fotografia de número 02 demonstra Boa Vista no decorrer da década de 1970 quando a cidade se expande e se caracteriza como um canteiro de obras.

Nesse processo, os projetos de integração regional da Amazônia ao restante do Brasil geraram uma série de inovações que afetaram o âmbito local. As intervenções na região, a partir do governo federal, influenciaram na consolidação das suas novas formas e funções. As novas configurações do espaço resultaram das novas relações políticas, assim como acompanharam as necessidades dos que ali se instalaram.

Alguns bairros de Boa Vista vão sendo criados e implantados em forma de conjuntos habitacionais e de loteamentos, proporcionando em 1981 o surgimento dos bairros de São Vicente e 13 de setembro na zona sul; em 1982, foram criados os bairros de Jardim Floresta, dos Estados e dos Executivos; em 1983, Pricumã, Liberdade, Marechal Rondon, Centenário e Caçari; em 1985 Burity, Caimbé; em 1986, Asa Branca e Tancredo Neves; e, em 1989, Paraviana e Cambará.

No ano de 1988, quando o território federal é transformado em estado, Boa Vista já se subdividia em 25 bairros, em razão do surgimento dos bairros da Liberdade em 1979, Asa Branca em 1982 e Tancredo Neves em 1987, entre outros, ocorrendo a partir daí uma fragmentação do tecido urbano do pequeno



Foto 1: Boa Vista em 1969. Fonte: acervo Jaime de Agostinho



Foto 2: Boa Vista em 1970. Autor: MCINTYRE, Loren. National Geographic.
Acervo: Jaime de Agostinho

aglomerado existente.

Com o incentivo à fixação de imigrantes por parte dos governos estadual e municipal, por meio da criação de lotes de terras em conjuntos habitacionais, ocorre a criação de outros bairros, tais como Caimbé em 1989 e Jardim Primavera em 1992, formando no ano de 1996, 31 bairros.

A expansão da cidade nesses períodos se deve principalmente às iniciativas dos dois períodos do governo Ottomar de Souza Pinto entre 1979 e 1983 e entre 1991 e 1995 intercalado pelo governo de Romero Jucá, entre 1987 e 1989, quando estes estimularam o surgimento de novos bairros com uma política de incentivo migratório. Os resultados não foram somente o movimento para o interior em busca de lotes rurais, mas também de lotes urbanos e das vantagens de uma vida urbana proporcionada pela capital.

A expansão urbana de Boa Vista, após a década de 1980, como se observa na fotografia de número 03, dá-se quando novas áreas foram progressivamente incorporadas mediante a proliferação de novos loteamentos, produzidos de forma descontrolada e sem previsão, respondendo especialmente a interesses políticos de assentamentos de migrantes que eram induzidos a se deslocarem para Boa Vista.

Assim, PINHO (2001:44) destaca que esses incentivos à imigração e essas políticas de assentamentos acontecem quando

O estado passa a ser a unidade federada mais atrativa, tendo como estímulo, a grande vontade política local de formar base de sustentação político-eleitoral no novo Estado atendendo populações descapitalizadas de outros estados do país.

Por outro lado, precisamos destacar o grande movimento de garimpeiros ocorrido entre 1987 e 1990, período que ficou denominado como a “corrida do ouro”, e que desencadeou um crescimento desordenado nessa cidade, principalmente em direção a zona oeste, como se pode observar na fotografia de número 04 que demonstra essa expansão e o princípio da dispersão urbana após o rio Branco, na década de 1990, com a

criação da cidade Santa Cecília, um loteamento, localizado após o rio, que tornou-se um bairro satélite de Boa Vista.



Foto 3: Boa Vista em 1985. Intervenção e disponibilização da imagem: Jaime de Agostinho

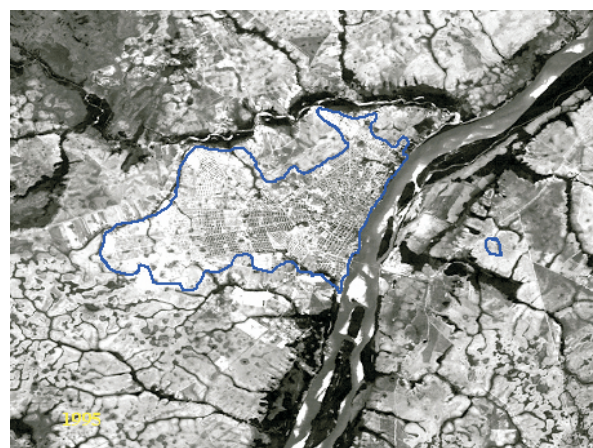


Foto 4: Boa Vista em 1995. Intervenção e disponibilização da imagem: Jaime de Agostinho

Boa Vista passa a concentrar as funções ligadas diretamente a essa atividade, inclusive arcando com a responsabilidade quando ocorre a proibição do garimpo na época do Governo Collor, estagnando a economia local - muitos garimpeiros se assentaram na periferia de Boa Vista, criando um grande bolsão de pobreza.

Nesse arranjo, o crescimento demográfico e espacial na cidade de Boa Vista está vinculada ao processo de ocupação e povoamento do território e do estado no que se refere a diferentes processos em diferentes momentos da história local.

Em SILVA, (2007), observa-se que, na década de 1990, em conjunto com os garimpos, a ausência de infra-estrutura e de apoio governamental aos programas de assentamento

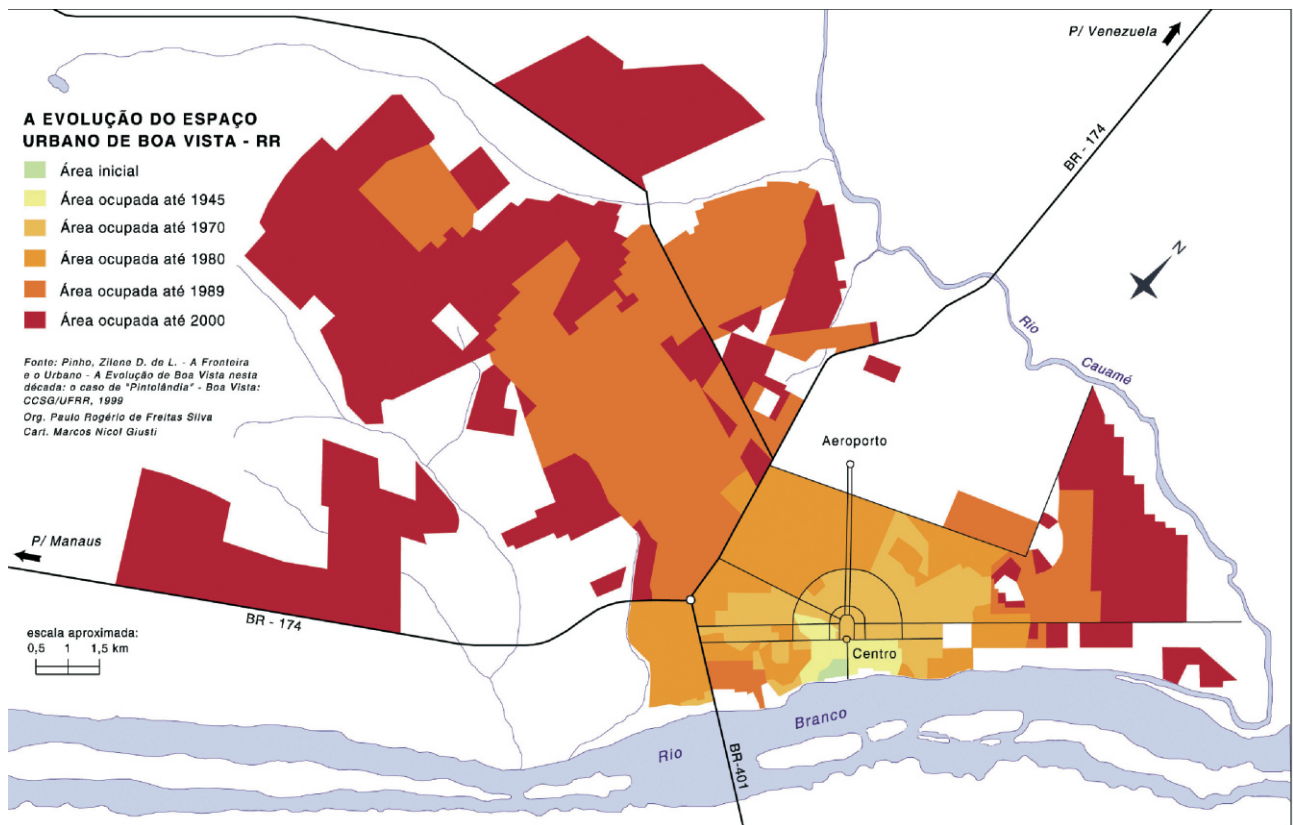


Figura 1: Evolução do espaço urbano de Boa Vista

agrícola, como também os programas de assentamentos urbanos, provocaram um êxodo rural direcionado para Boa Vista, resultando num princípio de “favelização” na periferia dessa cidade.

No decorrer dos primeiros anos do século XXI, o tecido urbano de Boa Vista continua tendo alterações, obrigando novas formas de análise espacial. O tecido urbano que para REIS (2006:59), é, “(...) uma definição geométrica de relações de propriedade e uma definição social das formas de uso”; obteve diferentes formas que concretiza Boa Vista, como um lugar formado por um traçado de ruas e bairros que são identificados como em zonas, sendo estas norte, sul, leste e oeste de acordo com o Plano Diretor de Boa Vista (1991).

Dessa forma, baseados nessa identificação, definida pelo Plano Diretor de Boa Vista (1991), com relação as quatro zonas, ressaltamos que em 2008, a cidade de Boa Vista passa a concentrar cinquenta e um bairros, distribuídos nas zonas leste, oeste, norte e sul. A figura 01 desvenda o crescimento da mancha urbana de Boa Vista e a direção para onde se processou esse crescimento.

Nessa configuração, a maior parte da

população, que vive nas zonas Oeste e Sul, é moradora de bairros, que tiveram sua formação inicial a partir de 1992, quando as políticas do Governo Estadual se voltaram para promover o assentamento de famílias nas áreas citadas. Doadas pelo poder público, os moradores dessas áreas alegam ser essa a razão maior de sua permanência nesses bairros com uma característica comum - a marcante presença de população migrante, formando um total de 86,11% dos moradores, segundo BEZERRA (2001:29).

A realidade socioeconômica de Boa Vista pode então ser mapeada pelas ocupações distintas do solo: os bairros periféricos nas zonas Oeste e Sul, ora legalizados pelo poder público, ora ocupado também pelas invasões dos terrenos “desocupados”, têm valorização inferior quando comparados a outros pontos da cidade. Nessas áreas, residem então a população assentada, bem como aquela que realizou a ocupação por invasões, mas, de qualquer forma, predominam nela, principalmente pessoas de baixo poder aquisitivo.

A zona Leste possui uma outra configuração. Nelas se implantaram conjuntos habitacionais, voltados para pessoas de um poder

aquisitivo maior, formados principalmente por funcionários públicos do Território e do novo Estado e alguns comerciantes que passam a ocupar essas áreas. Seguindo essa mesma política, no final da década de 90, criaram-se loteamentos que se tornaram áreas residenciais de alto poder mercadológico, devido ao valor do solo.

Nessa zona foi erguido o primeiro edifício residencial de alto padrão da cidade e do estado, o que aumenta a sua diferença no que se refere à instalação de uma infraestrutura, com ruas pavimentadas, com rede de saneamento básico, iluminação, entre outras iniciativas do poder público.

Em contrapartida, como se pode comprovar, de acordo com LUCKMANN (1989:25), "(...), Boa Vista possui um grande contingente de população indígena representada pelos macuxis, wapixanas e taurepangs" que residem nas zonas oeste e sul principalmente.

Essas zonas apresentam outras características com predomínio de construções simples e com menor incidência de infraestrutura básica.

A quantidade de índios que residem atualmente no município de Boa Vista, segundo a FUNAI, 2005, é estimada em 2.437, incluídos na população total.

Para FERRI (1990:08):

O fenômeno da migração indígena não é conhecido pela maioria da população branca de Boa Vista e nem sequer pela pequena minoria que trabalha no setor social e cultural da cidade. As próprias organizações indígenas que reúnem as lideranças das malocas do interior têm escritórios em Boa Vista desconhecem o problema. Consideram "perdidos" os parentes que moram na cidade, não mais incluídos entre os aliados nas lutas em favor dos direitos dos povos indígenas.

Para entender a situação desse povo na cidade de Boa Vista e a forma como eles são

percebidos pela sociedade basta citar FERRI (1990:24), que alerta para essa realidade da seguinte forma:

Nos bairros da cidade, índios e nordestinos aprenderam a conviver com a mesma situação de exploração. Mas qualquer homem branco, mesmo o mais pobre e analfabeto, tinha sempre uma vantagem se comparado ao índio: era branco, "civilizado". Muitos migrantes nordestinos, que chegaram pobres em Boa Vista, conseguiram, com o tempo, os melhores lugares na sociedade local. "O índio não teve vez", (...).

Essa realidade pode ser percebida na ocupação do solo urbano, em foco, pois os índios e seus descendentes se assentam nas mais distantes periferias e são denominados, por seus conterrâneos roraimenses que residem em Boa Vista, de caboclos e preguiçosos, uma forma pejorativa que demonstra o nível de preconceito existente.

Assim, a questão espacial coloca-se de forma bastante complexa quando se refere à realidade urbana de Boa Vista, formada socialmente por indivíduos provenientes de diferentes regiões amazônicas como do restante do Brasil, como também estrangeiras, trazendo, por isso, percepções de mundo e valores diferenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas considerações, entendemos que a cidade de Boa Vista, obteve a forma atual, através da irradiação, ocorrida a partir do projeto urbanístico de 1946, patrocinado por diferentes processos determinantes, que se processaram, principalmente nas décadas de 1980 e 1990.

A cidade possui um arruamento histórico formado ainda no século XIX e início do XX, uma área planejada que se organiza e se estrutura ao longo das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, e essa "nova" área que se forma a

partir da década de 1980 e que atualmente continua crescendo, se constituindo numa área de expansão urbana que requer cuidados especiais em sua dinâmica.

Segundo a Contagem do IBGE, 2007, na cidade de Boa Vista residem 246.444 habitantes, assim distribuídos: 4.858 estão no centro, 22.922 na zona norte, 12.434 na zona sul, 5.693 na zona leste e, 200.537 pessoas na zona oeste, demonstrando uma desproporcional distribuição de sua população, exigindo novo mapeamento por zonas dessa capital.

Essa distribuição populacional confirma uma concentração demográfica na “nova” Boa Vista, em detrimento da “velha” área do arruamento histórico e da área do projeto implantado originalmente.

NOTAS

¹ Professor do Departamento de Geografia da UFRR; doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).

² Loteamento residencial, de propriedade de um grupo suíço.

³ Entrevista concedida em 14/08/2006 na cidade de Boa Vista, Roraima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Josinaldo Barbosa. *A migração e sua influência no crescimento urbano de Boa Vista – Roraima*. UFRR, Boa Vista, 2001. (Monografia de Especialização).

BRASIL, Amazonas. *Boa Vista da intendência à câmara municipal*. Boa Vista: Pró-Roraima, 2005.

FERREIRA, José Freire da Silva et ali. *Rede Urbana Amazônica. Subsídios para uma política de desenvolvimento regional e urbano*. UFPA, NAEA, Belém, 1977.

FERRI, Patrícia. *Achados ou perdidos a imigração indígena em Boa Vista*. Goiânia: 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Contagem da População*. Rio de Janeiro: 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Atlas de Roraima*. Rio de Janeiro: 1981.

J. SANTOS, Adair. *História da Livre Iniciativa no Desenvolvimento Sócio-Econômico do Estado de Roraima*. Boa Vista: Fecomércio - RR, 2004.

LUCKMANN, Donato. *História e Geografia do Município de Boa Vista*. Série Roraima através dos municípios. Boa Vista, FECEC: 1989.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima*. São Paulo, FFLCH, USP, 2003. (Tese de Doutorado).

PINHO, Zilene Duarte de Lucena. *A fronteira e o urbano – a evolução urbana de Boa Vista – Roraima*. UFRR, CCSG, Boa Vista, 2001. (Monografia de Especialização).

Plano Diretor de Boa Vista. Boa Vista: 1991.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. *Dinâmica territorial urbana do estado de Roraima – Brasil*. São Paulo: USP, FFLCH, PPGGH, 2007 (Tese de Doutorado).

VICENTINI, Yara. *Cidade e História na Amazônia*. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.